

Fernando Kozoris

**A REALIDADE SACRIFICIAL DA SANTA MISSA: DA
HISTÓRIA À EUCOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx
Lima da Silva

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Kozoris, Fernando

A realidade sacrificial da Santa Missa: da história à eucologia / Fernando Kozoris; Orientador: Dr. Rafael Aléz Lima da Silva; Florianópolis, SC, 2023.

62 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Sacrifício 2. Eucaristia 3. Eucologia 4. Igreja. II.
Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26, 06/02/2017, p.23)
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal. 88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil
- CNPJ nº 82.898.891/0005-33

Fernando Kozoris

A realidade sacrificial da santa missa: da história à eucologia

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 09 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Alex Lima da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Me. Kelvin Borges Konz
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Dr. Valter Goedert
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pelo dom da vida e da vocação. A Diocese de Rio do Sul pela formação recebida ao longo destes dez anos de caminhada formativa. Ao meu orientador Dr. Pe. Rafael Alex Lima da Silva, que me auxiliou nesse trabalho. Aos meus familiares e amigos que rezaram, motivaram e contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui. Muito obrigado a todos e que Deus os recompense na eternidade!

“A liturgia desenha sua grandeza naquilo que é e não naquilo que não fazemos com ela.”

(Papa Bento XVI)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, de cunho bibliográfico, possui por tema *A realidade sacrificial da Santa Missa: da história à eucologia*. Tem como objetivo geral compreender a realidade sacrificial da Missa a partir dos textos eucológicos. Está dividido em três capítulos, sendo que no primeiro apresentar-se-á os fundamentos antropológicos e bíblicos do sacrifício, culminando no evento pascal de Cristo. No segundo, se irá relacionar a Eucaristia ao Sacrifício, bem como às demais dimensões desse sacramento. No terceiro, analisar-se-ão os textos eucológicos da Missa e fixando-se nos que evidenciam a realidade sacrificial dessa celebração. Com esse trabalho viu-se que no Sacrifício Eucarístico, recorda-se sacramentalmente do Sacrifício de Cristo no evento pascal.

Palavras-chave: Sacrifício. Eucaristia. Eucologia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- At – *Livro dos Atos dos Apóstolos*
CIgC – *Catecismo da Igreja Católica*
CNBB – *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*
1 Cor – *Primeira Carta de Paulo aos Coríntios*
DH – *Denzinger - Hünermann*
Eclo – *Livro do Eclesiástico*
Ef – *Carta de Paulo aos Efésios*
Ex – *Livro do Êxodo*
Gn – *Livro do Gênesis*
Hb – *Carta aos Hebreus*
IGMR – *Instrução Geral do Missal Romano*
Jo – *Evangelho Segundo João*
Jz – *Livro dos Juízes*
Lc – *Evangelho Segundo Lucas*
LG – *Lumen Gentium*
Lv – *Livro do Levítico*
Mc – *Evangelho Segundo Marcos*
MD – *Mediator Dei*
Mt – *Evangelho Segundo Mateus*
1 Pd – *Primeira Carta de Pedro*
Rm – *Carta de Paulo aos Romanos*
SC – *Sacrosanctum Concilium*
Sl – *Livro dos Salmos*
1 Sm – *Livro de Samuel*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA COMPREENSÃO DE SACRIFÍCIO.....	12
1.1 FUNDAMENTAÇÃO ANTROPOLÓGICA DE SACRIFÍCIO	12
1.1.1 Definição de sacrifício.....	13
1.1.2 A ideia de sacrifício ao longo dos tempos.....	15
1.1.2.1 Oferta de alimentos	15
1.1.2.2 Oferta de participação	16
1.2 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DE SACRIFÍCIO	17
1.2.1 Antigo Testamento	18
1.2.1.1 Sacrifícios a Iahweh	19
1.2.1.2 Críticas ao sistema sacrificial	21
1.2.3 Novo Testamento.....	22
1.2.3.1 Sacrifício nos escritos paulinos	23
1.2.3.2 Sacrifício nos escritos joaninos	25
2 A RELAÇÃO ENTRE SACRIFÍCIO E EUCARISTIA	27
2.1 SACRAMENTO DA EUCARISTIA.....	27
2.1.1 Eucaristia como Ceia e Banquete	28
2.1.2 Eucaristia como Ação de Graças e Louvor.....	30
2.1.3 Eucaristia como Memorial e Comunhão.....	32
2.1.4 Eucaristia como Sacrifício.....	34
3 ANÁLISE EUCOLÓGICA DOS TEXTOS DA MISSA	39
3.1 RITOS INICIAIS	39
3.1.1 Saudação inicial e ato penitencial	40
3.1.2 Hino do glória e oração coleta.....	41
3.2 LITURGIA DA PALAVRA	43
3.3 LITURGIA EUCARÍSTICA	45
3.3.1 Preparação dos dons e ofertório	46
3.3.2 Oração eucarística.....	47
3.3.3 Rito da comunhão	51
3.4 RITOS FINAIS	52
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, dentro da área da teologia litúrgica, possui como assunto *a realidade sacrificial da celebração eucarística*. Para se chegar a isso, é necessário ter uma visão histórica, ou seja, geral, sobre a ideia de sacrifício e perceber que se trata de uma ação arraigada no ser humano, que se relaciona com a divindade na qual acredita.

Depois do Concílio Vaticano II até os dias de hoje, a noção de que a Missa é um memorial do sacrifício de Cristo ficou um pouco distorcida, ou então, apagada por novas concepções de Missa. O Concílio apresenta a Missa como sendo, também, Ceia do Senhor, Ação de Graças, Louvor, Comunhão, Banquete, mas não deixa de lado seu sentido sacrificial. Houve, então, uma interpretação errônea sobre esse assunto.

Nos tempos hodiernos, vê-se certos grupos de fiéis católicos, na falsa tentativa de resgatar a verdadeira liturgia, buscando um caminho de confronto com as visões propostas pelo Concílio Vaticano II. Eles defendem a ideia de que no Missal Romano de Paulo VI, ou na Missa Nova, não se tem a noção de memória sacrificial de Cristo, sendo esse o único e exclusivo entendimento da Tradição sobre a Missa.

O movimento contrário também existe. Há grupos de católicos, influenciados pelo cristianismo protestante, que tentam propagar a ideia de que a Missa perdeu esse caráter sacrificial. Assume ela, assim, um sentido mais celebrativo, sem violência e sangue, ou seja, uma assembleia reunida louvando a Deus. Muitas vezes, essas pessoas alteram, por vontade própria, palavras e o sentido dos textos do Missal Romano, na intenção de aproximar o povo do mistério celebrado.

No entanto, ambos os movimentos não compreendem o real sentido da Missa ou ficam somente numa discussão superficial do mistério celebrado. Para o entendimento correto, faz-se necessário estudar o rito, o porquê dos textos, seu sentido, para que haja uma vivência mais consciente do sacrifício sacramental de Cristo na Missa.

Portanto, o objetivo aqui é compreender como toda essa realidade sacrificial se apresenta na celebração eucarística. É também deixar de lado as intrigas por visões eclesiológicas e concentrar-se no próprio rito da Missa, mostrando que nas orações feitas tanto pelo sacerdote, quanto pelo povo participante, o sacrifício de Jesus é recordado sacramentalmente.

Sendo assim, a relevância do presente trabalho está, justamente, em proporcionar ao leitor um maior esclarecimento sobre o que é

sacrifício. Iniciar-se-á pelo estudo de suas raízes antropológicas, passando por sua compreensão nas religiões, principalmente no judaísmo e, posteriormente, no cristianismo. Depois, entender-se-á que Jesus não morre violentamente em cada celebração da Missa, mas que o sacrifício acontece de forma incruenta.

Para que isso aconteça de modo organizado, o trabalho se desenvolverá em três capítulos. No primeiro, procurar-se-á uma abordagem antropológica e bíblica do sacrifício, observando que o ser humano foi desenvolvendo sua forma de oferecer a Deus o seu culto e que Jesus plenificou, com sua vida, todos os sacrifícios. No segundo capítulo, buscar-se-á relacionar o Sacramento da Eucaristia, deixado por Cristo, com as suas diferentes dimensões oferecidas pela Igreja. E no terceiro capítulo, analisar-se-á alguns textos do rito da Missa que enfatizam o seu aspecto sacrificial.

A entrega única e livre de Jesus Cristo ao plano salvífico de Deus Pai, resultou para toda a humanidade a salvação. Com a Encarnação do Verbo, os discípulos ganham a importante missão de propagar a mensagem da Boa-Nova aos quatro cantos da terra. Contudo, Jesus deixa claro que para manter-se firme nesse caminho, faz-se necessário celebrar, em sua memória, o sacrifício eucarístico.

1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA COMPREENSÃO DE SACRIFÍCIO

Para compreender o sacrifício de Cristo na Missa, é necessário entendê-lo em seu sentido antropológico, ou seja, na relação que esse ato tem com a humanidade. Desde o início da história, os seres humanos oferecem sacrifícios a seres divinos: seja para a reparação de suas culpas, seja por dever de justiça. Ao longo dos anos, com o advento do Cristianismo, o ser humano é convidado a fazer sacrifícios durante sua vida, a fim de unir-se ao sacrifício perfeito de Jesus Cristo na cruz. Essa união é apresentada nas Sagradas Escrituras, em alguns testemunhos prefigurativos como, por exemplo, a oferta sacrificial que os irmãos Caim e Abel apresentam a Deus, entre outros.¹

Por isso, ver-se-á neste capítulo, primeiramente, uma abordagem antropológica do sacrifício. Tentar-se-á traçar uma linha histórica, tendo em vista a amplitude desse tema. Enfim, ficar-se-á em apenas alguns aspectos, como o modo que era entendido pelos povos e culturas, a maneira que eram celebrados e alguns exemplos de sacrifícios.

Na abordagem bíblica, de igual modo observando a vasta amplitude do tema, focar-se-á em certos elementos, a saber: a compreensão de sacrifício dentro da cultura judaica no Antigo Testamento e, depois, como Jesus apresenta essa realidade de forma nova, ampliando e dando novo sentido, dentro do Novo Testamento. Destarte, apresentar-se-ão alguns exemplos de sacrifícios presentes na *Bíblia*, a fim de auxiliar na compreensão do assunto.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO ANTROPOLÓGICA DE SACRIFÍCIO

Quando se analisa a história, percebe-se uma relação frequente do ser humano com a divindade, reconhecendo-o, assim, como um ser religioso. Há uma comunicação entre a terra e o céu, entre a súplica e a bênção, sendo que na maioria das vezes, essa relação se dá através de um rito e de simbolismos. Portanto, elementos visíveis são utilizados para representar a oferta humana ao divino, como afirma o cardeal belga, Julien Ries:

O rito tem lugar no interior de uma expressão simbólica que permite um contato vital com a

¹ BÍBLIA de Jerusalém. 1 ed. São Paulo, 2002; Gn 4,4-5.

realidade transcendente. Com o rito o homem tenta estabelecer vínculos com essa realidade. O ato ritual está ligado a uma estrutura simbólica através da qual acontece a passagem da imaginação para a realidade, do signo para o ser.²

Por meio dos ritos, o ser religioso comunica para o seu grupo, ou às outras pessoas, sua afinidade com o ser divino e transforma em atos concretos o que recebeu do transcendente. Ele tenta mostrar para a sociedade na qual vive a possibilidade que existe de estabelecer relações com o sagrado e deseja que os outros também tenham essa experiência.

Bento XVI, no seu livro *Introdução ao Espírito da Liturgia*, aborda claramente esse aspecto, quando diz:

Difundiu-se a ideia de que se trata de um sistema de troca: os deuses mantêm o mundo na existência, mas os seres humanos devem alimentar e manter os deuses com seus dons culturais. O circuito do existir implica ambas as coisas: o poder dos deuses, que sustenta o mundo, mas também o dom dos seres humanos, que sustenta os deuses neste mundo.³

Percebe-se que um meio no qual a humanidade encontrou para cultivar a unidade com o divino foi celebrar ritos e oferecer sacrifícios a entidades espirituais. Sendo assim, o homem está voltado para a divindade no oferecimento dos seus dons. No entanto, tentar definir sacrifício como uma única coisa, seria uma tarefa quase impossível, pois trata-se de uma realidade tanto exterior quanto interior.

1.1.1 Definição de sacrifício

Conforme José Aldazábal, em seu livro *Vocabulário de Liturgia*, a palavra sacrifício deriva da língua latina – *sacrum facere* – e pode ser entendida como *tornar algo sagrado*,⁴ ou seja, tirá-lo do profano. Para

² RIES, Julien. **Mito e rito**: as constantes do sagrado. Trad. Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 42.

³ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da liturgia**. Trad. Silva Debetto Reis. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 22.

⁴ ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 333.

isso, supõe-se algumas coisas, como, por exemplo, alguém que realiza esse ato e outro ser que recebe tal oferecimento. Portanto estabelece uma relação que vai além de uma simples troca de favores, pois envolve mudança no que está sendo oferecido.

Em *O sentido teológico da liturgia*, Cipriano Vagaggini esclarece esse termo (sacrifício), dizendo:

Sacrifício, em sentido larguíssimo, é o ato interior de colocar à disposição completa, até a destruição total, se for o caso, uma coisa, feita a uma outra pessoa ou a outro sujeito, em reconhecimento da sua superioridade sobre a coisa que se coloca à disposição.⁵

Um aspecto interessante nessa definição é o ato de ofertar tudo aquilo que está sendo entregue, inclusive, até a total destruição. Contudo, verifica-se como a característica de troca, entre a oferta e o ofertante, acaba retornando em todos os significados da palavra sacrifício, enfatizando, assim, que é um elemento fundamental nessa relação com a divindade.

Para os autores Marcel Mauss e Henri Hubert, ambos sociólogos e especialistas na história das religiões, a definição de sacrifício, em sua obra *Sobre o sacrifício*, remete, num primeiro momento, à ação de consagrar algo ou alguém. Assim o dizem:

É certo que o sacrifício sempre implica uma consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado. Mas as consagrações não são todas da mesma natureza. Há aquelas que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, seja ele qual for, homem ou coisa. É o caso, por exemplo, da unção.⁶

Percebe-se uma sutil diferença entre o sacrifício e a consagração, aqui apresentada pelos autores. No primeiro caso, ocorre uma transformação naquilo que está sendo ofertado, e naquele que oferece,

⁵ VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. Trad. Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009. p. 148.

⁶ MAUSS, Marcel. HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 15.

pois provoca essa relação íntima – oferta e oferente. Na segunda não implica, necessariamente, uma mudança no que está sendo oferecido e nem em quem oferece. Nesse sentido, o livro apresenta como exemplo, a sagração de um rei, tendo em vista que, aqui ocorre uma mudança no exterior e não no todo do ser.⁷

1.1.2 A ideia de sacrifício ao longo dos tempos

Essa é uma realidade presente desde o início da história do ser humano e que ultrapassa povos, culturas, religiões e chega até os tempos hodiernos. Nesse percurso, muitos foram os motivos que cada realidade dessa atribuiu ao sacrifício. Uns ofereciam *alimentos*, outros, *animais* e até mesmo há oferecimento de *seres humanos*, tendo em vista que é a criatura mais importante da terra.⁸

Os sacrifícios de animais (touro, cavalo, porco, camelo...), cujo sangue, portador de vida, era derramado na terra para torná-la fértil, e cuja carne, consumida em banquete comunitário, comunicava a todos a potência divina de que estava carregada. Para isso a vítima era preparada (sacralizada) com ritos especiais (purificação, consagração), que a identificavam com a divindade.⁹

A intenção que motivava aos ritos de sacrifícios, seja incruentos (sem sangue) ou cruentos (com derramamento de sangue), era para separar algo que utilizava-se no cotidiano e destiná-lo ao serviço dos deuses. Sempre unida à oferta, apresentava-se uma súplica, pois a “prece com dons, quer consumidos totalmente, quer em partes, é sempre sacrifício”.¹⁰

1.1.2.1 Oferta de alimentos

⁷ MAUSS; HUBERT, 2005, p. 16.

⁸ PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 109.

⁹ PIAZZA, 1983, p. 111.

¹⁰ PIAZZA, 1983, p. 110.

Nos povos de realidade agrícola, a dimensão sacrificial também era presente. Para esses povos, oferecer sacrifícios aos deuses envolvia a entrega dos bens da terra como retribuição pela boa colheita. Eram escolhidos os alimentos de melhor qualidade e, então, ofertados como agradecimento pela chegada de mais um ano fecundo na produção.

Um exemplo disso é o que se vê na Grécia Antiga:

Alguns deuses não admitiam em seu altar senão oblações vegetais; portanto houve ali ritos sacrificiais que não comportavam oblações animais. Pode-se dizer o mesmo das libações de leite, vinho ou outro líquido [...] que estavam sujeitas às mesmas distinções que os sacrifícios, chegando até a fazer suas vezes.¹¹

Sendo assim, observa-se que esse modo de oferecer está muito ligado aos frutos que o homem tira de suas plantações, ou seja, aquilo que está presente no mundo. O próprio ser humano produz o que vai ofertar ao seu deus. Ele utiliza aquilo que está próximo de si, ou ainda, daquilo que é seu trabalho e sustento, para entregar como presente em louvor ou em propiciação.

1.1.2.2 Oferta de participação

Um outro modo de se comunicar com seres divinos, é através dos *sacrifícios de participação* que, por exemplo, os adeptos ao animismo – crença que todas as coisas possuem um espírito e se comunicam entre si – realizavam. Alguns autores, como Piazza, acreditam que não se trata de sacrifício propriamente dito, pois nesse rito se tem mais uma tentativa de relação com o ser dos entes já falecidos, oferecendo “manjares especiais e sangue de pequenos animais”.¹²

Confirma assim, Bento XVI, quando escreve que em muitas crenças antigas, o sacrifício está ligado a um ser superior, numa ação, na maioria das vezes comunitária, voltada para a divindade. Portanto, entender essa relação com seres do mesmo nível, de forma individual, estaria deturpando o sentido primeiro de sacrifício. Desse modo, escreve:

¹¹ MAUSS; HUBERT, 2005, p. 18.

¹² PIAZZA, 1983, p. 112.

Nas religiões do mundo o culto e o cosmo estão sempre intimamente ligados; a adoração dos deuses nunca é apenas um ato de socialização da comunidade interessada, que, através de ritos simbólicos, se tornaria consciente da própria recíproca pertença.¹³

Dessa forma, percebe-se que o sacrifício, antes de ser algo especificamente religioso, é uma questão antropológica e social. Todavia, ao longo dos tempos foi se tornando uma espécie de diálogo com o ser transcendente e sendo utilizado na religiosidade. E é nesse campo que ele mais avançou, como ver-se-á na sua perspectiva bíblica.

1.2 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DE SACRIFÍCIO

Aos poucos, esse aspecto do sacrifício vai ganhando outros sentidos e se desenvolvendo, conforme as religiões interpretam a realidade. De modo muito evidente, percebe-se uma nova realidade no ambiente judaico-cristão, a partir dos escritos bíblicos, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Já no início dos escritos sagrados, encontram-se relatos de sacrifícios oferecidos a Javé, na tentativa de redimir os pecados ou reconhecer a grandiosidade de Deus e a dependência do ser humano.

Desse modo, neste item será apresentada uma abordagem do sacrifício dentro do campo bíblico. Para isso, será traçado uma linha progressiva de como foi sendo entendida essa realidade, partindo desde os primeiros livros do cânon bíblico até os últimos. Serão apresentados alguns exemplos de rituais sacrificiais, bem como a intenção de cada umas das ofertas, na esperança de ajudar no esclarecimento e compreensão da temática.

Nas Sagradas Escrituras a temática do sacrifício é amplamente abordada e em diferentes livros. Do *Gênesis* ao *Apocalipse*, os autores sagrados deixam evidenciado que a realidade sacrificial faz parte da vida do ser humano em suas diversas circunstâncias: na alegria, louvando e rendendo graças, na tristeza, suplicando ajuda e pedindo perdão. Todavia, faz-se mister uma leitura coerente desses textos sagrados, analisando o período e a realidade que se encontram, para que a interpretação contrária não venha sobrepor a reta intenção do autor. Bento XVI, assim já adverte:

¹³ RATZINGER, 2015, p. 21.

Para o teólogo que crê é evidente a necessidade de aprender a identificar o que é essencial ao sacrifício a partir da Escritura e, precisamente, de uma leitura ‘canônica’ da Bíblia em que a mesma Escritura seja lida como uma unidade e como movimento dinâmico, onde cada passo obtém seu significado a partir de Cristo, a quem se dirige todo esse movimento.¹⁴

Desse modo, identifica-se a importância de compreender cada texto e, conseqüentemente, a ideia de sacrifício não separadamente, mas de forma complementar. Dessa maneira, os relatos presentes no Antigo Testamento não neguem ou contestem o grande e sublime sacrifício de Cristo na cruz, relatado no Novo Testamento.

1.2.1 Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a ideia de sacrifício está muito presente e possui um peso exorbitante, pois entendia que essa era uma, senão a única, maneira de se comunicar com Iahweh. No entanto, faz-se necessário uma reta compreensão, tendo em vista que esses sacrifícios tomarão pleno sentido no Novo Testamento, com a oferta de Jesus na cruz. Assim, afirma Vagaggini:

Todo o Antigo Testamento e as realidades de que fala, além de ser o que são, preparam, anunciam, prefiguram, como num primeiro esboço, aquelas realidades que virão depois na vida histórica de Cristo e se realizam continuamente na vida real, mística, litúrgica e extralitúrgica dos cristãos na Igreja, na economia presente entre a Ascensão e a Parusia.¹⁵

A partir do Antigo Testamento e toda sua realidade é possível compreender o Novo Testamento. Isso aplica-se também na vida litúrgica da Igreja. Portanto, para assimilar o sacrifício de Cristo na cruz,

¹⁴ RATZINGER, Joseph. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Trad. Cornelius Pfeifer. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 594.

¹⁵ VAGAGGINI, 2009, p. 395.

é necessário perceber a sacrificialidade presente no Antigo Testamento, como eram oferecidos e o sentido de tais atos.

Pode-se dizer que a religião e, conseqüentemente, a liturgia de Israel era distinta das outras religiões, pois possuíam um destinatário diferente, para aquele povo, o único e verdadeiro Deus. Nessa concepção estrita, apenas Iahweh era digno de louvor e adoração, e por isso, prestavam-lhe sacrifícios. Essas ofertas, certamente, eram preparadas cuidadosamente segundos as normas da Torá.¹⁶

1.2.1.1 Sacrifícios a Iahweh

No livro do Levítico, encontram-se várias passagens nas quais são dadas as instruções sobre como deve ser a vítima que será oferecida. Uma lista detalhada de passos deve ser respeitada, a fim de que o sacrifício, como um todo, seja aceito e agradável a Deus. Desse modo, percebe-se o cuidado que se tem na escolha do animal a ser ofertado, não podendo, por exemplo, ter defeito algum. Lembra, assim, o Cordeiro sem mancha que será entregue para a salvação da humanidade.

Iahweh falou a Moisés e disse: ‘Fala a Aarão, a seus filhos, a todos os israelitas, e lhes dirá: Qualquer homem da casa de Israel, ou qualquer estrangeiro residente em Israel, que trazer sua oferenda a título de voto ou de dom voluntário e fizer um holocausto a Iahweh, para ser aceito deverá oferecer um macho sem defeito, novilho, carneiro ou cabrito. Não oferecereis coisa alguma que tenha defeito, porque não seria aceita em vosso favor’.¹⁷

Nota-se que há uma ritualidade na apresentação dos sacrifícios, assim como viu-se nos povos e culturas não-judaicas. Há, aqui, uma preparação por parte das pessoas que entregam a oferta, na intenção de ser algo que agrade a Deus, bem como uma devida preparação do sacerdote que oferece, no cuidado da observância das leis. Portanto, a necessidade do seguimento ao rito é fundamental no culto voltado a Deus.

¹⁶ RATZINGER, 2019, p. 48.

¹⁷ Lv 22,17-20.

Dentro do Antigo Testamento, o cordeiro representa um animal que, na maioria das vezes, é escolhido para ser sacrificado. Tanto no livro dos Gênesis quanto no livro do Êxodo, encontram-se passagens que relatam a imolação desse animal como forma de louvor a Deus, na chegada da Páscoa e como um substituto para que os primogênitos de Israel sejam poupados.

Se sua oferta a Iahweh consistir em holocausto de ave, oferecerá uma rola ou um pombinho. O sacerdote a oferecerá sobre o altar e, apertando-lhe o pescoço, deslocará a cabeça e a queimará sobre o altar; e fará o seu sangue correr sobre a parede do altar [...] este holocausto será uma oferenda queimada de agradável odor a Iahweh.¹⁸

No início, esses rituais de sacrifícios eram realizados em família, como o exemplo de Abraão, que oferece, juntamente com seu filho Isaac, um sacrifício a Deus.¹⁹ No livro do Êxodo, encontra-se uma passagem na qual relata-se esse gesto familiar e comunitário de oferecimento, bem próximo a festa da Páscoa. Assim, o diz:

Falai a toda comunidade de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro por família, um cordeiro para cada casa. Mas se a família for pequena para um cordeiro, então se juntará com o vizinho mais próximo da sua casa, conforme o número de pessoas [...] Vós o escolhereis entre os cordeiros ou entre os cabritos, e o guardareis até o décimo quarto dia desse mês; e toda a assembleia da comunidade de Israel o imolará ao crepúsculo.²⁰

No entanto, com o passar do tempo, essa prática desenvolve-se e começa a ser oferecida no Templo, onde o rito é aprimorado e o ato de oferecer a Deus é reservado aos sacerdotes. Com isso, as pessoas se reúnem nas Assembleias para apresentarem suas oferendas a Deus, a fim de se purificarem dos seus pecados e render graças pelas maravilhas recebidas.

¹⁸ Lv 1,14-17.

¹⁹ Gn, 22.

²⁰ Ex 12.

1.2.1.2 Críticas ao sistema sacrificial

Com o desenvolvimento da ritualidade, são oferecidos *sacrifícios de comunhão*, nos quais queimando partes, partilhava-se o restante num banquete sagrado. Outras vezes, eram realizados *sacrifícios de expiação*, ou seja, a oferta serve para reparar os pecados do povo. Sendo assim, o Templo se torna o lugar por excelência dos sacrifícios.²¹

Todavia, essa realidade começa a ser questionada pelos profetas, pois perceberam que esses ritos se tornaram atos externos e puramente superficiais. A denúncia desses homens se dava contra a supervalorização dos ritos, ou seja, animais eram sacrificados, e eram seguidas todas as normas prescritas na lei, no entanto, deixavam de lado a caridade e o cuidado com as pessoas que necessitavam de atenção.

No primeiro livro de Samuel, ele adverte o rei Saul, dizendo: “Iahweh se compraz com holocaustos e sacrifícios como com a obediência à palavra de Iahweh? Sim, a obediência é melhor do que o sacrifício, a docilidade mais do que gordura de carneiro”.²²

Bento XVI fazendo uma crítica ao sistema sacrificial, tanto da crença judaica, quanto de outras fora do judaísmo, defende a imprecisão dessas visões de sacrifícios feitas pelo ser humano. Segundo ele, não seria correto colocar algo exterior para sacrificar sendo que o privilégio não cairia sobre ele, mas, sim, sobre a pessoa ofertante. Desse modo, escreve:

A práxis sacrificial das religiões do mundo, compreendida a de Israel, baseia-se sobre a ideia de substituição. Mas como poderia, sacrifícios de animais ou a oferta das primícias substituir o homem e obter-lhe a expiação? Isso não é verdadeira substituição, mas substitutivo, e o culto com esse substitutivo se revela então como um culto-substitutivo, no qual, de algum modo, falta o essencial.²³

A realidade sacrificial ganha sentido pleno com a encarnação do Verbo, pois Jesus dá uma nova interpretação para todos esses

²¹ ALDAZÁBAL, 2013, p. 334.

²² 1Sm 15,22.

²³ RATZINGER, 2019, p. 47.

sacrifícios. Assume para si a missão de entregar-se pela humanidade e redimi-la de toda culpa e pecado. No madeiro da cruz, Cristo resgata o ser humano e ama-o até a o último suspiro. Ver-se-á de modo mais claro daqui em diante.

1.2.3 Novo Testamento²⁴

Para o Novo Testamento, o sentido de sacrifício se torna diferente, pois o próprio Jesus Cristo lhe atribui plenitude no calvário. Ele é a verdadeira Vítima, o Servo, descrito por Isaías²⁵, que oferecerá a si mesmo para remissão dos pecados da humanidade. Com o seu sangue, estabelece uma Nova Aliança com o ser humano, que é selado no altar da cruz. No *Dicionário de liturgia*, esclarece-se essa ideia:

O Novo Testamento conhece, pois uma crítica do sacrifício, porque Jesus insiste na atitude interior que deve encontrar a sua expressão no sacrifício, e porque, como os apóstolos lentamente, porém cada vez mais claramente, vão compreendendo, na morte de Jesus na cruz ‘por muitos’ foi oferecido a Deus Pai o verdadeiro sacrifício.²⁶

Essa entrega de Jesus supera e dá novo sentido a todos os outros sacrifícios, ou seja, passa a não ser necessário prestar oferendas de animais a Deus, pois a vontade, entrega e obediência do Filho que desceu do céu plenifica todo sacrifício. Por isso, “graças a esta vontade é que somos santificados pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas”.²⁷

Contudo, os evangelistas deixam claro, em seus escritos, que Jesus não nega totalmente os sacrifícios da Antiga Aliança e que, inclusive, reafirma o valor do templo e do altar que eram os lugares

²⁴ Para guiar este item foi utilizado o Dicionário Bíblico: IMSCHOOT, Paul Van. Sacrifício. In: BORN, Adrianus Van Den (Dir.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 1356-1360.

²⁵ Isso é evidenciado nos capítulos 52 e 53 do livro de Isaías.

²⁶ NEUNHEUSER, Burkhard. Sacrifício. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia**. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 1069-1082. p. cit. 1071.

²⁷ Hb 10,10.

onde os sacrifícios aconteciam. Assim, Mateus relatando um diálogo de Jesus com fariseus e escribas, escreve: “Insensatos e cegos! Que é maior, o ouro ou o santuário que santifica o ouro? [...] Que é maior, a oferta ou o altar que santifica a oferta?”²⁸

No entanto, compreende-se que Cristo reconhece o valor do templo e do altar, mas afirma que o sacrifício não está intimamente ligado a essas estruturas, ou seja, há uma diferença com a forma de entender os sacrifícios da Antiga Aliança. Agora, Jesus estabelece uma outra com o seu sangue, “o sangue da nova Aliança”.²⁹

Já no evangelho de Marcos, em um discurso de Jesus aos seus apóstolos sobre quem é o maior, nota-se o grande significado da entrega de Jesus como vítima sacrificial, pois assim advertia-os dizendo que “o maior e o primeiro seja o servo de todos”. E finaliza afirmando sua missão: “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”.³⁰

Sendo assim, percebe-se que os evangelistas sinóticos deixam claro quais eram as intenções de Jesus, inclusive nas próprias falas d’Ele: não excluir a realidade sacrificial e entregar o seu corpo como oferta para expiação dos pecados do ser humano. Prosseguindo, ver-se-á como Paulo e João, alguns anos após a ressurreição de Jesus, em seus escritos, entenderam tudo isso.

1.2.3.1 Sacrifício nos escritos paulinos³¹

Paulo é, sem dúvidas, um grande defensor da morte de Jesus como sacrifício de redenção: “Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores”.³² Em suas cartas, ele deixa claro que é testemunha, chamado e escolhido para ser apóstolo de Cristo, enviado para anunciar o seu evangelho.³³

Na carta aos Efésios, Paulo evidencia que o sangue de Jesus foi derramado em favor de todo gênero humano. A sua morte voluntária

²⁸ Mt 23,17;19.

²⁹ Mt 26,28.

³⁰ Mc 10, 43-45.

³¹ Aqui não se tratará da Carta aos Hebreus, devido às várias discussões acerca da sua autoria. Todavia se reconhece sua contribuição para esse tema.

³² Rm 5,8.

³³ Rm 1,1.

ilumina a racionalidade humana fazendo com que tenha acesso a esse mistério sublime, como deixa claro no hino cristológico:

E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça, que ele derramou profusamente sobre nós, infundindo-nos toda sabedoria e inteligência, dando-nos a conhecer o mistério de sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas.³⁴

No capítulo cinco dessa mesma carta, Paulo escreve exortando a comunidade a ser *imitadora de Deus* e a amar com amor divino todas as pessoas, tendo em mente o gesto de entrega de Jesus “como oferta e sacrifício de suave odor”.³⁵ Portanto, com isso entende-se que o autor da carta pede aos fiéis que também façam como o Mestre, ou seja, apresentem suas vidas como sacrifício a Deus.

Essa ideia fica mais evidente na carta à comunidade de Roma, na qual Paulo orienta aos seus membros uma vida com Cristo, pautada nos seus ensinamentos e em conformidade com a vontade de Deus. Escreve ele, pois, que abandonem a vida de pecado e se coloquem à disposição da comunidade para ajudar nas suas necessidades: “Oferecei-vos a Deus como vivos provindos dos mortos e oferecei vossos membros como armas de justiça a serviço de Deus”.³⁶

Desse modo, percebe-se que há um duplo movimento sobre a ideia de sacrifício nas cartas de Paulo, apresentadas aqui. Primeiro, o reconhecimento da entrega sacrificial de Cristo na cruz pela salvação da humanidade; segundo, a exortação para que os membros das comunidades ofereçam em suas vidas sacrifícios espirituais a Deus, a fim de que “as nações se tornem oferta agradável” por obra do Espírito Santo.

Sendo assim, retoma-se aquela ideia inicial de sacrifício, ou seja, da participação da pessoa oferente e da vítima. Mas agora com um outro sentido: Jesus sacrificou-se por toda humanidade, salvando-a do poder das trevas, e ela, agora, é convidada a fazer o mesmo gesto por amor a seu Senhor.

³⁴ Ef 1,7-10.

³⁵ Ef 5,2.

³⁶ Rm 6,13.

1.2.3.2 Sacrifício nos escritos joaninos

Dentro dos escritos de João, encontra-se um elemento já visto e anunciado no Antigo Testamento: o sacrifício do Cordeiro Pascal, “aquele que tira o pecado do mundo”.³⁷ Desde o capítulo treze de seu evangelho, o escritor relata todo o mistério que envolve a vida de Cristo, sua Paixão, Morte e Ressurreição.

O Dr. Scott Hahn, em seu livro *O Banquete do Cordeiro*, deixa claro que Jesus era um exímio observador da lei judaica, portanto durante toda sua vida celebrou a festa da Páscoa. Ele sabia que ali era imolado um cordeiro como oferta a Deus e que, certamente, participava dos ritos. Ainda observa o Doutor: “é de se presumir que comesse o cordeiro sacrificado, primeiro com a família e mais tarde com os apóstolos”.³⁸

Segundo o *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, no livro do Apocalipse encontramos o Cordeiro que veio para tirar os pecados, retomando sempre a ideia central: Jesus, com seu sacrifício, redimiu o ser humano de toda sua culpa. Todavia, no contexto dos escritos de João, vê-se uma linguagem alegórica:

No Apocalipse o nome ‘Cordeiro’ tornou-se como que o nome próprio de Cristo (29 vezes). O Cordeiro que foi morto (5,6.9.12) comprou os eleitos para Deus, pelo seu sangue [...] no seu sangue eles lavaram e alvejaram as suas vestes (7,14).³⁹

João utiliza da figura do cordeiro para representar Jesus e sua oferta total. Ele faz isso porque conhecia os rituais judaicos e sabia que todos os anos, pela Páscoa, os judeus sacrificavam um cordeiro sem mancha para renovar a aliança com Deus.⁴⁰ Inclusive, cita que nenhum osso foi quebrado “para que se cumprisse a Escritura”.⁴¹

³⁷ Jo 1,29.

³⁸ HAHN, Scott. **O Banquete do Cordeiro**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2014. p. 37.

³⁹ IMSCHOOT, 1971. p. 1360.

⁴⁰ Jo 19,14.

⁴¹ Ex 12,46.

Sendo assim, conclui-se que João, nos seus escritos, afirma que no sacrifício da Páscoa, Jesus é o grande protagonista, ou seja, o sacerdote oferente e a vítima oferecida. Isso confirma-se, também, no relato da Última Ceia, na qual Jesus fala aos seus discípulos: “Isto é o meu corpo dado por vós”.⁴²

Na última ceia, na noite em que seria traído, nosso Salvador instituiu o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue, que perpetuaria o sacrifício da cruz durante os séculos, até que voltasse. Legou assim à sua Igreja, como à esposa amada, o memorial de sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade e banquete pascal.⁴³

Desse modo, na última Ceia, Jesus instituiu o sacramento da Eucaristia (seu corpo e seu sangue como alimento para a humanidade) e deixa ministros para repetirem o que ele fez. “Na noite em que foi ser entregue”,⁴⁴ Jesus manifestou sua entrega total na refeição que fez com seus apóstolos, mostrando, assim, qual era a missão que lhe foi confiada pelo Pai.

O *Catecismo da Igreja Católica* falando sobre o sacramento da Eucaristia, afirma que esse é um *Santo sacrifício*, pois além de ser o único e irrepetível sacrifício de Jesus, é também a oferta da Igreja celebrante a Deus Pai, pela ação do Espírito Santo.⁴⁵

Portanto, Jesus assume e resgata a humanidade ferida pelo pecado. Humanidade esta que sempre buscou, às apalpadelas, contato com a divindade em vista da reconciliação, de justificação, de proteção, entre outros. Humanidade que, pela Lei de Moisés, apresentava os sacrifícios prefigurativos que apontariam e conduziriam ao de Cristo, único e verdadeiro, presentificado na Eucaristia, conforme o que segue.

⁴² Lc 22,19.

⁴³ CONCÍLIO VATICANO II, CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 33-86. p. cit. 53; SC 47.

⁴⁴ 1Cor 11,23.

⁴⁵ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2011, p. 366; CIGC 1330.

2 A RELAÇÃO ENTRE SACRIFÍCIO E EUCARISTIA

Após uma compreensão antropológica e bíblica acerca desse tema fundamental, faz-se necessário olhar agora para a doutrina da Igreja que apresenta a Missa como memorial do sacrifício de Cristo. Ademais, relacionar o sacramento da Eucaristia com as suas outras dimensões recebidas ao longo do tempo pelo Magistério da Igreja, com base nas Sagradas Escrituras.

Conforme aponta José Aldazábal, a Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, foi redescobrimdo alguns elementos deixados de lado por um certo tempo na história eclesiástica. No entanto, com a ajuda de certos movimentos, como o bíblico, o patrístico, o ecumênico, mas de modo especial o movimento litúrgico, o sacramento da Eucaristia foi sendo melhor compreendido e vivenciado em suas várias dimensões.⁴⁶

Entende-se que o sacrifício de Cristo no Calvário aconteceu uma vez só, não se repete. Por isso, Jesus não morre em toda Missa como foi morto na cruz. Agora, na celebração da Eucaristia, acontece o memorial, ou seja, a atualização sacramental desse mesmo sacrifício, e isso se repetirá até a próxima vinda de Jesus.

Sendo assim, apresentar-se-á, neste capítulo, a relação entre a Eucaristia e a entrega total de Cristo no evento pascal, bem como as diferentes, mas complementares, dimensões desse sacramento. Ou seja, a compreensão da Eucaristia como Ceia e Banquete, como Ação de Graças e Louvor, como Memorial e Comunhão e como Sacrifício.

2.1 SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Este é um sacramento fundamental na vida espiritual da Igreja, pois com ele os fiéis plenificam e alimentam o caminho de iniciação à vida cristã. Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Eucaristia é “fonte e ponto culminante de toda a vida cristã”,⁴⁷ devido ao grandioso mistério que a envolve. Por meio desse sublime sacramento, os membros da Igreja participam do sacrifício de Cristo na celebração eucarística.

⁴⁶ ALDAZÁBAL, 2002, p. 211.

⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documento do Concílio Ecumênico II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 101-197. p. cit. 116; LG 11.

Todas as atividades e ministérios eclesiais têm como centralidade o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, ou seja, o que sustenta a ação da Igreja é o alimento espiritual celebrado na Missa. Na Encíclica *Mediator Dei*, de Pio XII, percebe-se um pouco essa realidade quando afirma que a Eucaristia produz inumeráveis efeitos na vida das pessoas:

Os infinitos e imensos méritos desse sacrifício, com efeito, não tem limites: estendem-se à universalidade dos homens de todo lugar e de todo tempo, porque, nele, o sacerdote e a vítima é Deus-Homem; porque a sua imolação como a sua obediência à vontade do Eterno Pai foi perfeitíssima, e porque foi como Cabeça do gênero humano, que ele quis morrer.⁴⁸

Aqui entende-se que o gesto de Jesus não possui limites e os frutos do seu sacrifício se estendem para todos, independentemente de sua localização geográfica ou época histórica. Com isso, Cristo queria deixar esse sacramento para que toda a humanidade pudesse estar unida a Ele e nutrir sua vida espiritual no “alimento que permanece”.⁴⁹

Percebe-se a insondável riqueza desse sacramento pelas diversas compreensões que lhe são atribuídas: Ceia, Banquete, Ação de graças, Louvor, Comunhão, Memorial e Sacrifício. Cada uma dessas atribuições apresentam um novo aspecto a ser conhecido sobre este mistério grandioso que Jesus deixou a sua Igreja, no qual ver-se-á agora.

2.1.1 Eucaristia como Ceia e Banquete

A Eucaristia é Ceia e Banquete pelo fato de ser instituída numa refeição, em redor de uma mesa, na qual Jesus se encontrou com os discípulos por causa da Páscoa dos judeus, vésperas da Páscoa dele mesmo. Afirma Jesus, conforme Paulo, que “todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte do Senhor, até que ele venha”.⁵⁰

⁴⁸ DOCUMENTOS de Pio XII, 1939-1958, Vaticano. Carta Encíclica *Mediator Dei*. **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 288-370. p. cit. 320; MD 69.

⁴⁹ Jo 6,27.

⁵⁰ 1Cor 11,26.

Na Ceia, Cristo parte o pão e o entrega aos seus amigos: gesto, esse, fundamental para que os discípulos, depois, o reconheçam. Isso é confirmado no relato dos discípulos de Emaús⁵¹, no qual sentando a mesa, partindo o pão e lhes distribuindo, Jesus abre os olhos dos discípulos, que reconhecem o Mestre e sentem uma profunda alegria.

Assim sendo, observa-se que Jesus não realiza o partir do pão sozinho, mas sempre acompanhado de outras pessoas. Isso mostra que os discípulos também devem realizar o mesmo gesto, ou seja, reunir-se para celebrar os mistérios eucarísticos. Na *Instrução Geral do Missal Romano*,⁵² essa realidade é bem evidenciada:

Na Missa ou Ceia do Senhor o povo de Deus é convocado e reunido sob a presidência do sacerdote, que representa a pessoa de Cristo, para celebrar a memória do Senhor, isto é, o sacrifício eucarístico.⁵³

Percebe-se, aqui, alguns elementos importantes, como por exemplo: a assembleia que se reúne para ação litúrgica, o fazer memória do único sacrifício de Jesus, e algo que chama a atenção é o fato de que o presidente da Ceia é Cristo. Portanto, é a partir dessa presença que se pode celebrar os mistérios eucarísticos.

Pela celebração eucarística, a comunidade terrestre reunida se une com a comunidade celeste, tomando parte no banquete eterno preparado a todos os que aceitam Jesus como Senhor. Desse modo, na participação da Missa o ser humano experiencia os mistérios do céu, onde “Deus será tudo em todos”.⁵⁴ Como vemos:

A Ceia do Senhor é simultânea e inseparavelmente: [...] sagrado banquete em que, por meio da comunhão do corpo e do sangue do Senhor, o povo de Deus participa dos bens do sacrifício pascal, renova o novo pacto

⁵¹ Lc 24,13-35.

⁵² Conforme o texto oficial da terceira edição típica do Missal Romano: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

⁵³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p.20; IGMR 27.

⁵⁴ 1Cor 15,28.

estabelecido uma vez para sempre no sangue de Cristo por Deus com os homens, e na fé e na esperança prefigura e antecipa o banquete escatológico no reino do Pai.⁵⁵

Fica evidente, assim, a união existente entre a Ceia e o Banquete dentro da realidade eucarística. Os elementos trazidos pelos fiéis, ou seja, o pão e vinho, na mesa sagrada, se transformam no Corpo e no Sangue de Jesus, que alimentam todos os que dela participam. Destarte, é essa atitude que prefigura o eterno banquete nupcial.

Bento XVI, comentando o evento da Última Ceia e todo mistério que a envolve, afirma ser a Eucaristia o seu elemento essencial. O Papa aponta a inegável união entre a instituição do sacramento com a refeição pascal, no entanto, Jesus dá um novo sentido para esse gesto:

A ordem do Senhor não foi repetir e refeição pascal – que, efetivamente, constitui o contexto, mas não era o seu sacramento, o seu novo dom. Além disso, a refeição pascal só podia ser celebrada uma vez por ano. [...] O essencial da Última Ceia não era comer o cordeiro, nem comer os outros pratos tradicionais, mas a grande oração de louvor, que agora continha como seu centro as palavras com que Jesus instituiu a Eucaristia.⁵⁶

Percebe-se como Jesus utiliza da refeição comum da época para deixar aos discípulos e a Igreja o sacramento do seu Corpo e Sangue. Refeição que, com Cristo, recebe um valor muito maior, pois nela, eleva-se uma oração de Ação de graças e Louvor através da sua entrega no evento pascal.

2.1.2 Eucaristia como Ação de Graças e Louvor

As terminologias usadas para designar esse mistério grandioso evidenciam a complexidade e a profundidade com que foi entendido ao longo dos tempos. A celebração eucarística é compreendida, também, como Ação de Graças e Louvor por tudo o que envolve a obra criadora

⁵⁵ NENHEUSER, 1992, p. 1078.

⁵⁶ RATZINGER, Joseph. **A caminho de Jesus Cristo**. Trad. Isaías Hipólito. Coimbra: Tenacitas, 2006. p. 110.

de Deus. Afinal, a própria palavra *eucharistein* significa isso: ação de graças.⁵⁷

Dentro da tradição judaica, encontra-se uma forma de oração chamada *Berakáh*, que significa bênção.⁵⁸ Essa bênção, pela sua estrutura, é entendida como um agradecimento e um louvor a Deus. Ela é muito comum no Antigo Testamento⁵⁹ e nela normalmente se encontra a conhecida frase: *Bendito seja Deus*. Como primeiro momento da ceia pascal, o gesto de agradecer, render graças pelas obras feitas por Deus, era observado com fidelidade e Jesus também o faz na ceia.⁶⁰

Com o sacrifício de Jesus Cristo, realizado uma única vez, a *Berakáh* adquiriu um outro sentido e um novo conteúdo: ação de graças pela redenção pascal. A Igreja, através da Eucaristia, celebra essa Ação de Graças pelos séculos afora. Dessa forma, atua-se a maior ação de graças possível ao Pai pela doação de seu Filho, na unidade com o Divino Espírito.⁶¹

Nos relatos da Última Ceia, tanto nos sinóticos quanto na carta aos Coríntios, encontra-se o ato de dar graças pelo pão e pelo vinho. Ou seja, Jesus tomando o pão em suas mãos dá graças ao Pai e, da mesma forma, quando toma em suas mãos o cálice, mostra que toda sua vida é uma entrega livre e que seus discípulos devem repetir esse mesmo gesto.

Sendo assim, pela participação na Missa, o ser humano recorda que se trata de um ato de agradecimento pelos inúmeros benefícios que recebe de Deus, conforme o *Catecismo da Igreja Católica* afirma:

A Eucaristia, sacramento de nossa salvação realizada por Cristo na cruz, é também um sacrifício de louvor em ação de graças pela obra da criação. No sacrifício eucarístico, toda a criação amada por Deus é apresentada ao Pai por meio da Morte e Ressurreição de Cristo. Por Cristo, a Igreja pode oferecer o sacrifício de louvor em ação de graças por tudo o que Deus fez

⁵⁷ VISENTIN, Pelágio. Eucaristia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia**. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 395-415. p. cit. 397.

⁵⁸ ALDAZÁBAL, 2002, p. 230.

⁵⁹ Gn 24,26-27; Jz 5,1-32 etc.

⁶⁰ ALDAZÁBAL, 2002, p. 231.

⁶¹ ALDAZÁBAL, 2002, p. 235.

de bom, de belo e de justo na criação e na humanidade.⁶²

A Eucaristia é a Ação de Graças a Deus Pai pela redenção realizada por seu Filho Jesus a toda humanidade, pela obra que faz no mundo e pelo que Ele deseja cumprir na vida das pessoas. Desse modo, também é sacrifício de Louvor porque o ser humano reconhece essas maravilhas dadas por Deus e se coloca em atitude de respeito e agradecimento.

2.1.3 Eucaristia como Memorial e Comunhão

Uma outra maneira de entender esse sublime sacramento é a partir do próprio mandato de Cristo na Última Ceia: “Fazei isto em minha memória”.⁶³ A palavra memorial é a tradução do termo grego *anámnesis*,⁶⁴ o qual é utilizado pela liturgia da Igreja para se recordar do mistério pascal de Cristo. Portanto, é inevitável que a Eucaristia possua esse aspecto tão importante que é fazer memória do sacrifício de Jesus na cruz.

Todavia, é importante ressaltar, conforme Francisco Taborda afirma, de que não é um simples recordar ou fazer memória, como se lembrar de uma situação do passado, mas fazer memória atualizando o mistério acontecido. Nesse caso, a Missa é um memorial do que Cristo passou, mas ao mesmo tempo uma atualização do mesmo mistério no hoje da história. Tudo isso se dá graças à ação do Espírito Santo.⁶⁵

A constituição dogmática *Lumen Gentium*, falando sobre a função dos sacerdotes na Missa, assim esclarece essa realidade:

Eles exercem seu sagrado múnus principalmente no culto eucarístico ou sinaxe na qual, agindo na pessoa de Cristo (*in persona Christi*) e proclamando seu mistério, eles unem os votos dos fiéis ao sacrifício de sua Cabeça e, até a volta do Senhor, representam e aplicam no sacrifício da missa o único sacrifício do Novo Testamento, isto

⁶² CATECISMO da Igreja Católica, 2011, p. 375; CIGC 1359.

⁶³ 1 Cor 11, 25.

⁶⁴ TABORDA, Francisco. **O memorial da Páscoa do Senhor**. 2 Ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 66.

⁶⁵ TABORDA, 2015, p. 70.

é, o sacrifício de Cristo, que como hóstia imaculada uma vez se ofereceu ao Pai.⁶⁶

Com isso, percebe-se a importância do sacerdócio dentro do mistério eucarístico, mas, aqui, vale ressaltar o que ele deve fazer, ou seja, tornar presente aquilo que Cristo fez a dois mil anos atrás e, unindo as preces da comunidade reunida, oferecer o memorial do sacrifício de Jesus. Portanto, é na Eucaristia onde o mistério pascal se renova sacramentalmente pela ação do Espírito Santo.⁶⁷

Já o Concílio de Trento, combatendo as heresias protestantes, afirmava a presença real de Jesus na Eucaristia e que esse sacramento é memorial do sacrifício pascal de Cristo, assim como a ceia pascal representava para os judeus a libertação do Egito.⁶⁸ Desse modo, percebe-se que essa compreensão vem sendo discutida e amadurecida a muito tempo pela Igreja. Assim afirma Trento:

Na Última Ceia, para deixar à sua amada esposa, a Igreja, um sacrifício visível, como exige a natureza dos humanos, pelo qual se representasse aquele seu sacrifício sangrento que havia de consumir-se uma só vez na cruz, e sua memória permanecesse até o fim dos séculos [...]. Porque, celebrada a antiga Páscoa, que a multidão dos filhos de Israel imolava em memória da saída do Egito, instituiu uma nova Páscoa, que era ele mesmo, que havia de ser imolado pela Igreja por ministério dos sacerdotes, sob sinais visíveis, em memória de seu trânsito deste mundo ao Pai.⁶⁹

Sendo assim, através da participação na celebração eucarística, os fiéis fazem memória do ato salvífico de Cristo e vivem os mistérios pascais. Como apresenta Taborda, “sob os sinais do pão e do vinho, Cristo se torna presente”⁷⁰ e é essa presença que faz a Assembleia reunida proclamar Jesus verdadeiramente nas espécies sagradas.

⁶⁶ VATICANO II, 2011, p. 144; LG 28.

⁶⁷ ALDAZÁBAL, 2002, p. 217.

⁶⁸ ALDAZÁBAL, 2002, p. 198.

⁶⁹ DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3 Ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015. p. 446; DH 1740-1741.

⁷⁰ TABORDA, 2015, p. 74.

Por não se tratar de um ato individualista e isolado, o sacramento da Eucaristia é, de igual forma, Comunhão. Jesus estava reunido com seus apóstolos, em comunhão com eles e com o Pai, a quem estava se oferecendo em sacrifício. Portanto, pela participação na Missa, se faz comunhão não só com a Assembleia reunida, mas também com Cristo que ama e une seus membros. A comunidade dos Atos dos Apóstolos é um exemplo disso:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo.⁷¹

Os documentos do Concílio Vaticano II ressaltam a ideia de que na celebração eucarística, o povo reunido deve participar ativamente do mistério celebrado.⁷² A *Lumen Gentium*, por exemplo, motiva os fiéis a também unirem sua vida ao sacrifício eucarístico, pois “pela oblação como pela sagrada comunhão, todos realizam sua própria parte na ação litúrgica”.⁷³

Todas as vezes que é celebrada a Missa, o memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo é vivido. A comunidade reunida faz comunhão com os seus membros, mas também com Jesus que é a Cabeça e o ponto de união. Por isso, a Eucaristia possui essa dinâmica de memória e comunhão. No entanto, não como algo simples e puramente teatral, mas um reviver e uma atualização do sacrifício pascal do Redentor.

2.1.4 Eucaristia como Sacrifício

Essa afirmação de que a Eucaristia é sacrifício gerou, e talvez ainda gere, muita discussão. Na maioria das vezes foi entendida como problemática na compreensão dos próprios católicos, mas sobretudo no meio protestante. Consequentemente, muitas perguntas acabam sendo

⁷¹ At 2,42.46.

⁷² VATICANO II, 2011. p. 44; SC 21.

⁷³ VATICANO II, 2011, p. 116; LG 11.

levantadas acerca desse mistério pela falta de convicção pessoal de fé e/ou pela ignorância do que diz a Igreja sobre essa realidade.

O Concílio Vaticano II defende a presença de Cristo na sua Igreja, no sacrifício da Missa, na pessoa do ministro, mais particularmente e realmente sob as espécies eucarísticas. Assim sendo, é Cristo que, através dos sacerdotes e na ação do Espírito Santo, realiza o sacrifício sacramental do mistério pascal.⁷⁴

A partir da realidade de Memorial do evento pascal pode-se afirmar a Eucaristia como Sacrifício, pois “O caráter sacrificial da Eucaristia não empana a unicidade do sacrifício de Cristo”.⁷⁵ Sendo assim, pode-se afirmar que a Missa é o sacrifício sacramental de Jesus Cristo, pois essas duas realidades não se contradizem. Portanto, o mesmo Jesus que estava na Última Ceia está presente na celebração eucarística.

Para compreender como, apesar da unicidade e suficiência do sacrifício de Cristo, a eucaristia pode ser e é ‘sacrifício no sentido verdadeiro e próprio’, vem em ajuda o conceito de memorial. Ele permite que se veja a eucaristia como totalmente relacional ao sacrifício da cruz. É sacrifício porque memorial; é sacrifício porque sacramento do único sacrifício.⁷⁶

Desse modo, Deus coloca à disposição da Igreja o seu corpo e o seu sangue de forma sacramental como um sacrifício único e verdadeiro, mas que se estenderá pelos séculos a fora. Francisco Taborda comentando sobre o que o Concílio de Trento afirmara dessa realidade sacrificial, diz que essa memória não é algo superficial, mas “implica a realidade representada”.⁷⁷

Percebe-se a união que há entre a Sagrada Eucaristia e a entrega de Jesus Cristo no evento pascal. No sacrifício da Missa, a vítima que foi imolada continua sendo a mesma e o sacerdote que oferece é o mesmo: Cristo Jesus. Todavia, não acontece exatamente como antes

⁷⁴ VATICANO II, 2011, p. 37; SC 7.

⁷⁵ TABORDA, 2015, p. 75.

⁷⁶ TABORDA, 2015, p. 75.

⁷⁷ TABORDA, Francisco. **Eukharistia: Verdade e caminho da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 275.

pelo fato de não haver outro derramamento de sangue, mas o mesmo mistério é celebrado.

Santo Ambrósio, comentando sobre a presença de Jesus na celebração do sacramento, afirma que quem realiza a transformação do pão e do vinho é o próprio Cristo. Ele é o autor dos sacramentos e a palavra que faz a consagração, pois essa realidade deriva do céu. Portanto, diz Ambrósio, “No momento em que se realiza o venerável sacramento, o sacerdote já não usa as suas próprias palavras, mas as palavras de Cristo”.⁷⁸

Aqui pode se recordar do que foi tratado no primeiro capítulo deste trabalho sobre as diferentes formas de sacrifício nas religiões. Com efeito, tendo em vista o pano de fundo que define essa realidade, ou seja, a mudança que ocorre naquilo que é ofertado. Viu-se que o ser humano utilizava dos bens *profanos* (frutos da terra, animais) para que, apresentados a Deus, se tornassem *sagrados*.

Desse modo, Taborda explica mais claramente essa ideia de destruição da oferenda no ato litúrgico e a Eucaristia como sacrifício visível (oferta material) ligada ao conceito genérico de sacrifício, por exemplo:

A ideia subjacente é que no sacrifício deve haver a destruição de alguma coisa [...]. Destruição da substância do pão e do vinho e confecção do corpo e sangue de Cristo. O que se oferece a Deus é resultado da destruição, não a matéria destruída, como nos sacrifícios antigos.⁷⁹

Em um primeiro momento parece estranho a terminologia destruição, como se induzisse a um ato violento. Todavia, se faz necessário recordar que desde o Antigo Testamento essa ideia de que a oferenda era toda destruída, ou parte dela, está presente. Contudo, aqui não se trata de oferecer restos queimados, mas pão e vinho que se tornam o próprio Jesus sacramentado.

A lei do Evangelho não é inferior à Lei antiga; ao contrário, é bem mais eminente, já que levou à plenitude de maneira mais eminente o que esta

⁷⁸ AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. Trad. Célia Mariana Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, 1996. p. 56.

⁷⁹ TABORDA, 2008, p. 276.

Lei Antiga havia anunciado. Ora, os sacrifícios em voga no Antigo Testamento significavam já de antemão o sacrifício consumado na cruz, muito antes que Cristo nascesse; depois de sua ascensão ao céu, este mesmo sacrifício é continuado pelo sacrifício eucarístico.⁸⁰

Como já visto anteriormente, o sacrifício de Jesus ressignifica aqueles apresentados no Antigo Testamento. Todavia, José Aldazábal, referindo-se as Sagradas Escrituras, diz que ali não se tem explicitamente a definição de Eucaristia como sacrifício. No entanto, alguns aspectos dão a entender essa realidade, a saber:

No Novo Testamento a convicção que está à base desta afirmação: o ‘corpo entregue’ e o ‘sangue derramado’ da Eucaristia referem-se claramente ao sacrifício da cruz. O conceito de memorial e a definição de João, do pão da vida como ‘minha carne pela vida do mundo’ (Jo 6,51), tudo isto nos fala da relação do sacramento com o sacrifício da cruz.⁸¹

Esse sacrifício da cruz da qual é o mistério eucarístico, envolve também uma ação de toda a Igreja, pois ela está ligada a Cristo. “Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo se torna também o sacrifício dos membros do seu corpo”.⁸² Sendo assim, o sacrifício oferecido no altar possibilita aos fiéis a participação no evento salvífico de Cristo Jesus.

Percebe-se, desse modo, a importância e profundidade de entender o mistério eucarístico presente na celebração da Missa. Tendo em vista, pois, que não se trata de simplesmente ofertar pão e vinho, ou fazer memória de algo que passou, mas recordar e vivenciar todo o evento pascal de Cristo. Olhar a Eucaristia com todas as suas dimensões (Ceia e Banquete, Ação de graças e Louvor, Memorial e Comunhão e Sacrifício) enriquece a participação nesse sacramento.

Tratar a Missa como sacrifício sacramental de Cristo não exclui as suas outras dimensões, ao contrário, complementa e dá sentido. Pois em uma visão do todo, poder-se-ia pensar: dentro do sacrifício da Missa,

⁸⁰ DENZINGER, 2015, p. 722; DH 3339.

⁸¹ ALDAZÁBAL, 2002, p. 346.

⁸² LELO, Antônio Francisco. **Eucaristia: teologia e celebração**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 104.

há momentos de ação de graças e louvor, acontece o memorial do evento pascal e a comunhão dos fiéis com Cristo, se recorda a ceia e o banquete e se vive o mistério da fé.

Um e outro, sacrifício e sacramento, fazem parte do mesmo mistério, tanto que não é possível separar um do outro. O Senhor imola-se de modo incruento no sacrifício da missa, que representa o sacrifício da cruz, e lhe aplica a eficácia salutar, no momento em que, pelas palavras da consagração, começa a estar sacramentalmente presente, como alimento espiritual dos fiéis, sob as espécies de pão e de vinho.⁸³

Tudo isso fica mais claro quando se observa o rito da Missa. Ali vê-se que há alguns textos que não mudam e, conseqüentemente, aparecem em quase todas as celebrações. Textos, por exemplo, como o Glória, a motivação após o ofertório, a narrativa da consagração, a invocação ao Cordeiro e outros. Eles afirmam a sacrificialidade presente na celebração da Missa. Por isso, é importante uma análise, não por completo, desses textos para uma compreensão maior do mistério celebrado.

⁸³ LELO, 2006, p. 46.

3 ANÁLISE EUCOLÓGICA⁸⁴ DOS TEXTOS DA MISSA

O caminho feito até aqui foi apresentar a compreensão de sacrifício presente como gesto característico do ser humano no relacionamento com a divindade, perpassando as bases antropológicas e bíblicas dessa realidade. Depois, relacionar a Eucaristia e suas dimensões, findando com a compreensão de que se trata do sacrifício sacramental de Jesus Cristo. Agora, faz-se necessário analisar os textos litúrgicos e perceber que eles afirmam a sacrificialidade existente na Missa.

Não é somente na Oração Eucarística, propriamente dita, na qual se encontra o relato da Instituição da Eucaristia, que a temática do sacrifício é apresentada. Desde o início da Missa, do sinal da cruz inicial até a saudação final, é possível identificar palavras e sinais que demonstram essa oferta livre de Cristo, evidenciando, assim, que na celebração da Missa encontra-se o grande memorial do sacrifício do Filho de Deus.

Nesse capítulo, portanto, focar-se-á mais nos textos litúrgicos que evidenciam a realidade sacrificial. Todavia, serão apresentados alguns outros exemplos que também alegam essa temática e embelezam ainda mais a celebração eucarística.

3.1 RITOS INICIAIS

Os ritos iniciais são aqueles que abrem a celebração, antecedem a Liturgia da Palavra e possuem um objetivo muito importante dentro da Missa. A *Instrução Geral do Missal Romano* faz uma clara definição desses ritos, afirmando que os fiéis reunidos “constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia”.⁸⁵

⁸⁴ “Eucologia é proveniente do grego *euché* = oração, e *logos* = discurso, significa propriamente a ciência que estuda as orações e as leis que governam a sua formulação [...]. Em sentido menos próprio, porém já em uso corrente, a ‘eucologia’ é o conjunto das orações contidas em um formulário litúrgico, em um livro ou, em geral, nos livros de uma tradição litúrgica”. (AUGÉ, Matias. Eucologia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia**. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 415-423. p. cit 415).

⁸⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 26; IGMR 46.

Taborda, comentando a finalidade dos ritos iniciais, diz que eles não se limitam somente em introduzir algo de forma simplória, ou utilizá-los para uma mera recordação da temática celebrativa, mas, aqui, os fiéis são “tomados pela mão e conduzidos a ouvir a Palavra e a celebrar o memorial”.⁸⁶ Portanto, sua função é crucial para adentrar no mistério pascal.

3.1.1 Saudação inicial e ato penitencial

Já no início da celebração eucarística, o sacerdote motiva a Assembleia para fazer o sinal que os identifica como cristãos. Os fiéis traçam sobre si a cruz, lembrando que foi por ela que a salvação entrou no mundo. Sendo assim, através do sacrifício pascal de Cristo, que passa pela cruz, os participantes reunidos são mergulhados no mistério que estão iniciando.

Em seguida, o presidente faz a saudação inicial com uma fórmula que, na maioria das vezes, é trinitária. Um exemplo é aquela primeira opção proposta pelo Missal, que realça bem o que está sendo abordado. Assim ela procede: “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco”.⁸⁷ Alguns autores entendem isso como algo pedagógico:

Trata-se de uma pedagogia que foi se formando ao longo dos séculos, para conseguir que os fiéis reunidos se motivem para a celebração (palavra e sacramento), adquirindo, sobretudo, consciência de ser uma comunidade celebrante.⁸⁸

Por essa saudação tem-se um breve resumo da história da salvação dada ao gênero humano. Encontra-se, aqui, o amor do Pai que envia seu Filho Jesus, pelo qual a graça é dada à humanidade e que, junto com o Pai, envia o Espírito Santo para gerar comunhão entre as pessoas. Portanto, já no início do memorial do sacrifício de Cristo, a comunidade recorda de todo evento salvífico de Deus.

O ato penitencial chama atenção dos fiéis para o reconhecimento dos pecados e, num ato de humildade, pedir perdão a Deus. Esse gesto é

⁸⁶ TABORDA, 2015, p. 167.

⁸⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 389.

⁸⁸ ALDAZÁBAL, 2002, p. 390.

importante pelo fato de as pessoas estarem participando do sacrifício de Jesus, o “Cordeiro sem mancha”⁸⁹ e a fim de participarem mais “dignamente dos santos mistérios”.⁹⁰

3.1.2 Hino do glória e oração coleta

Dentro dos ritos iniciais e antes da Liturgia da Palavra, pode-se destacar a oração do Glória. Ele evidencia toda a Santíssima Trindade, apesar do seu acento cristológico e de que o Espírito Santo ganhe uma única menção, fica claro todo o papel da Trindade na história da salvação. Todavia, ele não é utilizado em todas as Missas, mas “cantado ou recitado aos domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, nas solenidades e festas e ainda em celebrações especiais mais solenes”.⁹¹

José Aldazábal, faz uma análise básica desse texto explicando e demonstrando seus pontos principais. Ele demonstra que se trata de um hino completo, pois inclui louvores, súplicas e o reconhecimento das maravilhas dadas pelo Deus-Trindade. Assim o diz:

Começa com as palavras que Lucas coloca nos lábios dos anjos na noite do nascimento de Cristo: Glória a Deus e paz aos homens, que é sinônimo de salvação [...]. Seguem os louvores ao Pai, com repetição enfática de sinônimos, tanto em nossa atitude de louvor, como nos nomes de Deus. Também o louvor a Cristo se faz com entusiasmo, para desembocar numa litania e em aclamações e acabar o conjunto com uma doxologia na qual se inclui o Espírito Santo.⁹²

Aqui, o objetivo deste item é demonstrar e ressaltar como esse texto apresenta a temática do sacrifício. Percebe-se que, explicitamente, não aparece a palavra sacrifício, no entanto, o Glória “ressalta a

⁸⁹ 1 Pd 1,19.

⁹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 390.

⁹¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 28; IGMR 53.

⁹² ALDAZÁBAL, 2002, p. 400.

continuidade existente entre o nascimento e a morte de Cristo”.⁹³ Portanto, a relação entre o Natal e a Páscoa são eventos essenciais para compreender o mistério do Corpo e Sangue de Jesus.

A *Instrução Geral do Missal Romano* salienta a importância do hino do Glória na celebração da Missa, na qual a comunidade reunida “glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro”.⁹⁴ Trata-se de uma oração antiga⁹⁵ na qual se manifesta a grandiosidade de Deus e o respeito que a criatura deve ter para com seu Criador. Por isso, a Igreja orienta para que não se mude o texto do hino.

Esse hino apresenta a figura do “Cordeiro de Deus”,⁹⁶ que foi sacrificado para a remissão dos pecados da humanidade inteira. Sendo assim, na celebração da Missa os fiéis são convidados, através do Glória, render graças a Jesus Cristo pela sua entrega de amor. Assim como no Antigo Testamento as pessoas, no momento do sacrifício, prestavam louvores a Deus, no hino do Glória deve-se fazer a mesma coisa, ou seja, dar “Glória a Deus nas alturas”.⁹⁷

A Oração Coleta varia em cada Missa, pois ela “exprime a índole da celebração”.⁹⁸ Ela é marcada por uma petição, uma contextualização do que se está celebrando e/ou as obras salvadoras de Deus⁹⁹ e finalizada com uma fórmula trinitária. Desse modo, se vê um exemplo disso na Oração Coleta da segunda semana depois da Páscoa, que diz:

Concedei, ó Deus, aos vossos servos e servas a graça da ressurreição pois quisestes que vosso Filho sofresse por nós o sacrifício da cruz para nos libertar do poder do inimigo. Por nosso

⁹³ ASSUNÇÃO, Rudy A. de. **O sacrifício da palavra:** a liturgia da missa segundo Bento XVI. São Paulo: Ecclesiae, 2016. p. 95.

⁹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 28; IGMR 53.

⁹⁵ “A origem deste hino remonta às primeiras gerações, provavelmente no século II ou III. A versão que temos agora no Missal é a do *Codex Alexandrinus*, do século V” (ALDAZÁBAL, 2002, p. 400).

⁹⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 398.

⁹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 398.

⁹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 28; IGMR 54.

⁹⁹ ALDAZÁBAL, 2002, p. 402.

Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.¹⁰⁰

Percebe-se a temática do sacrifício de Jesus na cruz presente nessa Oração Coleta. Isso lembra aos fiéis que estão celebrando seu memorial sacramental, que eles também estão em um sacrifício, no entanto, sem que Jesus sofra os mesmos tormentos do Calvário.

3.2 LITURGIA DA PALAVRA

A Liturgia da Palavra é uma das partes fundamentais da celebração eucarística. Nela, “Deus fala a seu povo e Cristo comunica seu Evangelho”.¹⁰¹ Ela é constituída por leituras da Sagrada Escritura e intercaladas por um Salmo, variando seu texto conforme os dias e tempos litúrgicos. Essa Liturgia é profunda, como pode-se perceber através da *Instrução Geral do Missal Romano*:

Nas leituras explanadas pela homilia, Deus revela o mistério da redenção e da salvação, e oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua Palavra, se acha presente no meio dos fiéis [...]. O povo se apropria dessa Palavra de Deus e a ela adere pela profissão de fé; alimentado por essa palavra, reza na oração universal pelas necessidades de toda a Igreja.¹⁰²

Desse modo, a Liturgia da Palavra precisa ser bem celebrada e vivida, pois torna-se sustento para a caminhada dos fiéis. É nela que Deus manifesta seus desígnios de amor e seus planos de salvação para toda a humanidade. Por isso, seja a Liturgia da Palavra “celebrada de tal modo que favoreça a meditação”.¹⁰³

Por ser ela um momento em que Deus se comunica com seu povo, vê-se nela também a realidade sacrificial presente. Pelo fato de as leituras bíblicas mudarem conforme a celebração, segundo o elenco

¹⁰⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 327.

¹⁰¹ VATICANO II, 2011, p. 25; SC 33.

¹⁰² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 29; IGMR 55.

¹⁰³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 29; IGMR 56.

dado pela Igreja, ainda assim existem dias em que a Liturgia da Palavra reafirma o compromisso do povo em oferecer sacrifícios a Deus.

Um exemplo disso é a Liturgia da Palavra da terça-feira da Oitava Semana do Tempo Comum, na qual a Primeira Leitura apresenta explicitamente essa realidade. Ela é retirada do Livro do Eclesiástico, no qual afirma que o justo oferece um sacrifício ao Senhor e não se apresenta diante dele de mãos vazias. Assim diz:

Aquele que guarda a lei faz muitas oferendas; aquele que cumpre os preceitos oferece um sacrifício salutar. Aquele que mostra agradecimento, oferece flor de farinha, e o que pratica a beneficência oferece um sacrifício de louvor [...]. O sacrifício do justo enriquece o altar, o seu perfume sobe ao Altíssimo.¹⁰⁴

De igual forma o Salmo apresenta a temática do sacrifício em seus versos, afirmando que o Senhor aceita os sacrifícios do povo. Em todas as estrofes aparece a palavra sacrifício como um pedido do próprio Deus para seu povo; na última estrofe o Senhor convida os fiéis a oferecerem ao um sacrifício de louvor. Assim diz o Salmo:

‘Reuni em minha frente os meus eleitos, que selaram a Aliança em sacrifícios!’ Testemunha o próprio céu seu julgamento, porque Deus mesmo é juiz e vai julgar. ‘Escuta, ó meu povo, eu vou falar; ouve Israel, eu testemunho contra ti: Eu, o Senhor, somente eu, sou o teu Deus! Eu não venho censurar teus sacrifícios, pois sempre estão perante mim teus holocaustos. Imola a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os votos que fizeste ao Altíssimo. Quem me oferece um sacrifício de louvor, este sim é que me honra de verdade.’¹⁰⁵

Com isso, fica evidente que inclusive a Liturgia da Palavra vem em encontro do mistério que está sendo celebrado, ou seja, o mistério do

¹⁰⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Palavra do Senhor II: Lecionário semanal**. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 574; Eclo 35, 1-15.

¹⁰⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2014, p. 575; Sl 49(50), 5-6.7-8.14.23.

sacrifício de Cristo. Percebe-se com essas duas passagens bíblicas que há dias na Missa, em que aparece bem presente a realidade sacrificial. As leituras ajudam os fiéis a unirem suas ofertas com a sublime oferta: a entrega sacramental de Cristo no altar.

Dentro ainda dessa Liturgia encontra-se a oração do Credo, feita por todos os que estão na celebração. Ela tem como objetivo conduzir o povo a responder à Palavra de Deus através das duas fórmulas aprovadas pela Igreja.¹⁰⁶ Sendo assim, os fiéis, por meio dessa oração, são convidados a “recordar e professar os grandes mistérios da fé”.¹⁰⁷

No símbolo apostólico, as pessoas recordam-se de toda a história salvífica de Deus, partindo da criação do céu e da terra, até a crença na vida eterna. Tratando da realidade sacrificial, o Credo, nas menções sobre Jesus, afirma que “foi crucificado, morto e sepultado. Desceu a mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia”,¹⁰⁸ destacando, assim, o mistério pascal da entrega de Cristo. Portanto, na oração do símbolo apostólico, o povo professa a fé dizendo que acredita nessa verdade.

Após a oração do Creio, o sacerdote motiva a comunidade para elevar a Deus os seus pedidos, ou seja, as Preces. Esses pedidos são lidos por alguém da Assembleia, que intercalando com uma resposta de todos, manifestam as orações pela Igreja, pelos poderes civis e pelas necessidades da comunidade, podendo acrescentar outras intenções. Aqui, todavia, como na escolha das leituras bíblicas, o conteúdo das Preces varia conforme as orientações da Igreja, podendo, ou não, manifestar a realidade sacrificial da celebração.

3.3 LITURGIA EUCARÍSTICA

Aqui inicia uma parte central da celebração da Missa. A partir de agora, através de palavras e gestos, o povo se recorda do que o próprio Jesus fez e deixou a toda humanidade. Ao celebrar a Missa, a Igreja se mantém fiel ao mandato de Cristo, ou seja, realizar o memorial sacramental de Jesus. Sendo assim, o sacrifício eucarístico fica mais evidente daqui em diante, o que constitui o foco desse item.

¹⁰⁶ Símbolo Niceno-constantinopolitano e símbolo apostólico.

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 32; IGMR 67.

¹⁰⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 402.

A partir do ofertório a realidade sacrificial fica mais evidenciada, pois o celebrante juntamente com a assembleia oferece os alimentos da terra que se tornarão o Corpo e o Sangue de Cristo. Percebe-se como o Rito Romano utilizou de aspectos das diferentes religiões para também apresentar a Deus suas ofertas. Afinal, o sacrifício “faz parte da própria índole e natureza da religião. Quando se afastam os sacrifícios, nenhuma religião pode ainda existir ou se quer ser pensada”.¹⁰⁹

Não se tem a pretensão de fazer uma análise completa de todos os elementos que constituem a Liturgia Eucarística. Nesse ponto, fixar-se-á somente em alguns aspectos que realçam a ideia de sacrifício presente na celebração da Missa. Para tanto, serão utilizados alguns textos e orações que afirmam a profundidade desse rito.

3.3.1 Preparação dos dons e ofertório

Nesse momento, algumas pessoas da assembleia levam até ao altar o pão e o vinho que se converterão no Corpo e no Sangue de Cristo. As outras pessoas se unem a esse gesto entoando um canto. O sacerdote, em pé, “prepara o altar que é o centro de toda a liturgia eucarística”¹¹⁰ para, então, iniciar as orações de oferecimento.

José Aldazábal destaca que seguindo as instruções do Concílio Vaticano II, o Missal de Paulo VI¹¹¹ contém novas orações, inspiradas nas bênçãos judaicas, que simbolizam os dons como sendo obras da criação dadas por Deus. Assim diz o sacerdote quando recebe as ofertas:

Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida.¹¹²

Após essa oração, o sacerdote oferente realiza a mistura do vinho e da água, no desejo de unir o mistério salvífico de Cristo com a vida

¹⁰⁹ DENZINGER, 2015, p. 721; DH 3339.

¹¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 33; IGMR 73.

¹¹¹ Termo utilizado por alguns liturgistas para designar o Rito da Missa Romana após o Concílio Vaticano II.

¹¹² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 403.

das pessoas presentes na celebração. Esse gesto simboliza a união entre o divino e o humano, ou seja, a relação que se estabelece no sacrifício entre Deus e o povo ofertante. Concluído esse gesto, o presidente pronuncia sobre o cálice com vinho palavras parecidas daquelas pronunciadas sobre o pão.

O sacerdote, enquanto o povo entoava um canto apropriado para esse momento, profere em voz baixa uma prece: “De coração contrito e humilde, sejamos, Senhor, acolhidos por vós; e seja o nosso sacrifício de tal modo oferecido que vos agrade, Senhor, nosso Deus”.¹¹³ Os aspectos de sacrifício e comunhão ficam visíveis nessa oração, que une o desejo de todos os que estão celebrando.

Em seguida, o presidente da celebração motiva a comunidade para orar a fim de que as ofertas ora apresentadas, sejam aceitas por Deus. O Missal Romano dispõe de algumas opções de texto para esse momento, no entanto, todas evidenciam a realidade sacrificial presente nessa ação.

Por exemplo, a segunda opção, diz: “Orai, irmãos e irmãs, para que esta nossa família, reunida em nome de Cristo, possa oferecer um sacrifício que seja aceito por Deus Pai todo-poderoso”.¹¹⁴ Então, a assembleia orante, ficando em pé, exclama confiante: “Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja”.¹¹⁵

Depois de tudo isso, para concluir a apresentação dos dons, o sacerdote, motivando a assembleia, diz a oração sobre as oferendas. Essa oração normalmente traz consigo um caráter sacrificial em seu texto. Por exemplo, a oração do vigésimo segundo Domingo do Tempo Comum, que diz: “Ó Deus, o sacrifício que vamos oferecer nos traga sempre a graça da salvação, e vosso poder leve à plenitude o que realizamos nesta liturgia”.¹¹⁶

3.3.2 Oração eucarística

¹¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 403.

¹¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 404.

¹¹⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 404.

¹¹⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 366.

Dá-se início à Oração Eucarística e com ela tem-se a centralidade da celebração, pois será nesse momento que o pão e o vinho, pelas mãos do sacerdote, se tornarão o sacramento de salvação para toda humanidade. Assim expressa a *Instrução Geral do Missal Romano*:

O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai por Jesus Cristo em nome de toda a comunidade. O sentido desta oração é que toda a assembleia se una com Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.¹¹⁷

A Oração Eucarística possui alguns elementos fundamentais, como a ação de graças (evidente no *Prefácio*); a aclamação de toda a Assembleia, junto com os anjos, do canto Santo; a invocação do Espírito Santo; a narrativa da instituição e consagração; a *anamnese*; a oferta da hóstia; as intercessões; e a doxologia final.¹¹⁸

As várias Orações Eucarísticas presentes no Missal Romano são herança dos longos anos da Igreja neste mundo. Ela se preocupou em formular textos e orações para auxiliar os fiéis na celebração da Missa, desde muito cedo. Como por exemplo, a Oração Eucarística I que é utilizada desde o primeiro milênio da era cristã, ou outros textos antigos baseados na Tradição, como no que seria hoje conhecido por *Prefácio* da Missa, pertencente a *Tradição Apostólica*, no século IV:

Graças te damos, Deus, pelo teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos últimos tempos enviastes, Salvador e Redentor, mensageiro da tua vontade, que é o teu Verbo inseparável, por meio do qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do Céu ao seio de uma Virgem; que, aí encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Que, cumprindo a tua vontade – e obtendo para ti um povo santo – ergueu as mãos enquanto sofria para salvar dos sofrimentos os que confiaram em

¹¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 34; IGMR 78.

¹¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 34; IGMR 79.

ti. Que, enquanto era entregue à voluntária Paixão para destruir a morte, fazer em pedaços as cadeias do demônio, esmagar os poderes do mal, iluminar os justos, estabelecer a Lei e dar a conhecer a Ressurreição, tomou o pão e deu graças a ti, dizendo: Tomai, comei isto é o meu Corpo que por vós será destruído; tomou, igualmente, o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que por vós será derramado. Quando fizerdes isto, fá-lo-eis em minha memória.¹¹⁹

Encontra-se nesse relato da *Tradição Apostólica* vários aspectos conhecidos que a Igreja mantém no Rito da Missa. Com toda certeza, observa-se que se trata de um texto antigo e que, ao passar do tempo, a Igreja foi desenvolvendo e encontrando melhores maneiras de transmitir esses mistérios. Todavia, percebe-se que, na essência, os textos são parecidos, afinal, fala-se do mesmo sacrifício: o de Cristo.

Com o Concílio Vaticano II, abriu-se a possibilidade de outras Orações Eucarísticas, além do Cânon Romano (Oração Eucarística I). Dessa forma, acrescentou-se uma riqueza inesgotável nesse excelso sacramento, mostrando que há diferentes maneiras de expressar o único sacrifício de Jesus.

Assim sendo, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, com a Oração Eucarística “chegamos ao coração e ao ápice da celebração”,¹²⁰ pois nela estão contidas as palavras da consagração, inseridas no contexto de Ação de Graças. Há, também, súplicas pela Igreja, pelo Papa, pelo Bispo, pelo clero, pelos fiéis defuntos, e ainda no Brasil são intercaladas com aclamações da assembleia orante, manifestando a união dos participantes nos sagrados mistérios.

¹¹⁹ CLÁSSICOS da Iniciação Cristã. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III.** Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 70-71. “A pesquisa mais recente rejeita essa identificação. Por precaução, Marcel Metzger propõe que a obra em questão seja denominada *diatáxeis* [...]. À designação genérica propõe que se acrescente entre parênteses e entre aspas ‘Tradição Apostólica’. Essa poderia, sim, ter tido sua origem no séc. III, mas foi subsequentemente modificada por acréscimos e retoques até meados ou final do séc. IV”. (TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma.** 3 Ed. São Paulo: Loyola, 2012. p. 255).

¹²⁰ CATECISMO da Igreja Católica, 2011, p. 373; ClGc 1352.

No prefácio da Oração Eucarística V, por exemplo, encontra-se uma breve introdução e resumo do mistério pascal, no qual se está celebrando. Assim diz:

É justo e nos faz todos ser mais santos louvar a vós, ó Pai, no mundo inteiro, de dia e de noite, agradecendo com Cristo, vosso Filho, nosso irmão. É ele o sacerdote verdadeiro que sempre se oferece por nós todos, mandando que se faça a mesma coisa que fez naquela ceia derradeira. Por isso, aqui estamos bem unidos, louvando e agradecendo com alegria, juntando nossa voz à voz dos anjos e à voz dos santos todos.¹²¹

Nessa oração feita pelo sacerdote fica evidente alguns aspectos, como por exemplo: que a Missa é um momento de comunhão entre os participantes e Cristo, pois pertencem à mesma família. Através do Senhor Jesus, a comunidade é convidada a oferecer-se em sacrifício, assim como ele mesmo fez e mandou na última refeição com os apóstolos. Rudy de Assunção deixa bem claro isso:

Na celebração da Missa como representação do acontecimento da Cruz participa sempre de maneira fundamental a Igreja inteira. Por isso, celebramos o sacrifício da Missa sempre em comunhão com os santos, com os anjos, com os grandes oferentes da Antiga Aliança, com os vivos e defuntos da Santa Igreja.¹²²

Do mesmo modo que Jesus apresentou a humanidade inteira na sua entrega no Calvário, o autor evidencia a comunhão existente na celebração eucarística. O aspecto comunional não se dá somente com as demais pessoas presentes na Assembleia, mas se dá também com toda a milícia celeste, com os que já partiram, com os santos etc.

De modo claro e manifesto, na narrativa da instituição, a realidade sacrificial é exaltada. Estando Jesus reunido com seus apóstolos, “tendo o pão em suas mãos”, dá graças, parte e entrega-lhes,

¹²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 495.

¹²² ASSUNÇÃO, 2016, p. 191.

discorrendo: “tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo, que será entregue por vós”. Realizando o mesmo gesto, toma consigo o cálice com vinho e fala: “tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para a remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”.¹²³

Percebe-se todo o aspecto sacrificial e de doação que Jesus faz junto com os seus. Depois de partir o pão, que agora é seu Corpo, entrega-O para que eles também façam parte desse mistério de amor. Estabelece uma nova aliança com o seu povo, aliança que não exige mais oblações de animais ou alimentos e, sim, conformidade com seus ensinamentos realizando o memorial de sua paixão, morte e ressurreição.

3.3.3 Rito da comunhão

Sendo assim, percebe-se que a estrutura da Liturgia Eucarística começa com a apresentação dos dons e o ofertório, prossegue com a Oração Eucarística, que se inicia com o diálogo invitatório e termina com a doxologia e o *Amém* que é resposta da Assembleia. Após isso, dá-se início ao rito de comunhão, que abre com a oração do Pai-Nosso e conclui-se com a oração depois da comunhão.

Os ritos da comunhão têm por finalidade preparar os fiéis para receber o alimento espiritual do Corpo e Sangue de Cristo. Dentro dessa parte encontra-se a fração do pão, que remete ao gesto feito por Jesus na Última Ceia de partir o pão e entregar aos seus discípulos. Aqui, o sacerdote parte a hóstia e coloca um pequeno pedaço no cálice, significando a “unidade do Corpo e do Sangue do Senhor na obra da salvação”.¹²⁴

Enquanto esse gesto se realiza, o povo é convidado a cantar ou recitar a súplica *Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo*, à qual os demais participantes respondem: *Tende piedade de nós*.¹²⁵ Essa invocação recorda aquilo que Jesus, o Cordeiro sem mancha, realizou pela humanidade, ou seja, a redenção pelo sacrifício da cruz.

¹²³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 496.

¹²⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 34; IGMR 83.

¹²⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 502.

3.4 RITOS FINAIS

Sobre seu significado teológico, a *Instrução Geral do Missal Romano* não comenta nada, apenas de que se trata de alguns encaminhamentos pastorais, bênção do sacerdote e beijo no altar.¹²⁶ Todavia, Francisco Taborda diz uma maneira de caracterizar esses ritos, seria contrapondo-os aos ritos iniciais:

Pode-se assinalar primeiramente o caráter de *peroração* dos ritos finais. A peroração é o ‘arredondamento’ do discurso, quando se aproxima o fim [...]. A peroração retoma os pontos principais e apresenta-os numa síntese, lançando o discurso à meta que se deseja.¹²⁷

Sendo assim, esses ritos possuem a tarefa de concluir a celebração eucarística. Do mesmo modo que iniciou a Missa, ela se finaliza, ou seja, com o sinal da cruz; lembrando que do início ao fim o mistério da entrega de Jesus está presente. Agora, após o término da celebração, os fiéis são enviados em missão e a testemunharem as maravilhas de Deus.

Por fim, terminada a análise eucológica dos textos da Missa, percebe-se a profundidade e, ao mesmo tempo, a complexidade da temática sacrificial. O gesto de oferecer sacrifício está presente na vida do ser humano desde muito tempo, mostrando que ele sempre teve necessidade de se relacionar com a divindade. Utilizando-se de diferentes ofertas, a humanidade oferece a Deus aquilo que dele recebe.

Durante a caminhada dos judeus, os sacrifícios eram meios de comunicação com o seu Senhor. Com o desejo de expiar seus pecados, render louvores e fazer pedidos, o povo entrega sua vida aos cuidados de Deus, na esperança de logo chegar na *Terra prometida*. Com a Encarnação do Verbo, os sacrifícios antigos perdem seu sentido, pois Cristo leva-os a plenitude com sua entrega livre na cruz. Agora, o povo, com toda a Igreja, deve oferecer o sacrifício sacramental do seu Corpo e do seu Sangue.

Sendo assim, a vida de Jesus, superior a todas as outras vidas, é demasiadamente bela para ser simplesmente esquecida; por isso, a

¹²⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023, p. 38; IGMR 90.

¹²⁷ TABORDA, 2015, p. 177.

Eucaristia é o maior acontecimento da história. Nela os fiéis vivenciam de forma sacramental os mistérios eucarísticos e ali se alimentam para a caminhada espiritual. Portanto, a Igreja, na celebração da Missa, realiza o memorial da única e perfeita entrega de Jesus no evento pascal.

CONCLUSÃO

O grande objetivo desta pesquisa era de apresentar a realidade sacrificial da Missa a partir dos próprios textos presentes no seu rito. Para isso, fez-se necessário entender essa temática desde as suas concepções mais primitivas, ou seja, muito antes de se pensar em catolicismo. Depois disso, então, chegou-se no evento em que Jesus Cristo deixa seu Corpo e seu Sangue como alimento espiritual para seus seguidores e pede-lhes que perpetuassem esses mistérios em sua memória.

Viu-se, primeiramente, que o gesto de oferecer sacrifícios se trata de uma questão ligada à própria humanidade, independente de qual crença seja professada. O que é ofertado normalmente envolve frutos provindos do sustento do ser humano, como animais, alimentos da terra etc. Sendo assim, pode-se dizer que há algo em comum nos sacrifícios das antigas religiões, mudando, talvez, somente o destinatário da oferta.

Adentrando um pouco na religião judaica, percebeu-se que já se encontrava uma ritualística mais desenvolvida em torno dos sacrifícios. Alguns livros do Antigo Testamento, como por exemplo o Levítico, apresentam detalhadamente todos os gestos necessários e os critérios para escolher as ofertas. Preserva-se, nesse contexto, a pureza do que será ofertado e da pessoa que oferece.

Já nos livros do Novo Testamento, depara-se com o evento marcante de toda a história, a Paixão, Morte e Ressurreição do Filho de Deus, o Verbo Encarnado. Jesus assume para si todos os sacrifícios apresentados no Antigo Testamento e ressignifica instituindo a Eucaristia. O Augusto Sacramento representa a entrega livre e obediente de Jesus na cruz. Por isso, a celebração eucarística é o memorial do seu sacrifício.

A partir dessa fundamentação antropológica e bíblica da realidade sacrificial, num segundo momento fez-se mister compreender a relação existente entre a Eucaristia e o sacrifício de Cristo. O mesmo sacrifício realizado no evento pascal é vivido sacramentalmente na celebração da Missa. Tudo isso, porque a vítima continua sendo a mesma, ou seja, Jesus.

Todavia, ao longo dos tempos essa ideia de que a Missa é o sacrifício de Cristo foi sendo contestado por muitas pessoas. A Igreja, então, com o desejo de esclarecer os fatos e defender a doutrina dada por Jesus, convoca concílios para salvaguardar aquilo que é essencial da mensagem cristã. O Concílio de Trento manifesta, no auge da discussão, que na Missa se realiza o memorial do sacrifício de Jesus. Já o Concílio

Vaticano II, ampliando e complementando a reflexão, resgata outras dimensões também presentes na celebração eucarística. Por exemplo, o aspecto de Ceia, Banquete, Ação de Graças, Louvor, Comunhão, Memorial e reafirma o Sacrifício sacramental de Cristo.

Tendo, então, feito esse percurso, coube entrar na celebração da Missa propriamente dita, ou seja, analisar como o sacrifício é evidenciado no rito que a compõem. Muitos dos textos eucológicos deixam claro de que o que se está celebrando é um sacrifício, no entanto, não como aquele que aconteceu no Calvário, mas incruento, pela ação do Espírito Santo.

Na análise, observou-se que a grande maioria dos textos presentes no rito da Missa apresentam a realidade sacrificial dela, seja de forma direta ou indireta. Algumas orações tratam explicitamente da celebração eucarística como sendo o sacrifício de Jesus e no qual a comunidade reunida é convidada a se unir. Um exemplo claro é o próprio Sinal da Cruz no início e no final da Missa, mostrando o pano de fundo que guiará toda a ação litúrgica.

Sendo assim, nota-se que os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, ou seja, que fora apresentado a visão de sacrifício num aspecto antropológico e bíblico. Depois, a relação existente entre o Sacramento da Eucaristia com o sacrifício e as demais dimensões, deixando claro que uma não exclui a outra, mas enriquecem-se. Por fim, a análise eucológica dos textos da Missa que retratam o aspecto sacrificial da celebração, destacando os mais evidentes.

O Papa Francisco, na carta apostólica *Desiderio desideravi*, motiva os fiéis para uma constante formação litúrgica, atitude necessária para continuar maravilhando-se com a beleza dos mistérios da fé. Dessa forma, vê-se a relevância dessa pesquisa pelo fato de tentar auxiliar nessa formação, a fim de um crescimento espiritual e uma vivência profunda da liturgia da Igreja.

Contudo, é importante destacar que o presente trabalho apresenta alguns pontos de limitações, pois a temática do sacrifício é ampla, conforme visto no primeiro capítulo. Por isso, houve a necessidade de eleger alguns pontos para discussão no decorrer de toda pesquisa. Outro aspecto que se precisa levar em conta é que tratar a Missa como sacrifício, nos tempos hodiernos, acarreta consequências desafiadoras, pois a maioria dos teólogos atuais preferem evidenciar mais as outras dimensões da Eucaristia.

No entanto, é necessário manter uma linguagem sacrificial da Missa. Porém, não no sentido puramente ritualístico, como no Antigo Testamento, ou como uma representação teatral do que passou Jesus,

como alguns católicos defendem. Mas olhar para a Missa como sendo a entrega amorosa de Cristo em todo o mistério pascal, desde a Quinta-feira Santa ao Domingo da Ressurreição, e celebrá-la de forma profunda e digna.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. Trad. Célia Mariana Fernandes da Silva. São Paulo: Paulus, 1996.

ASSUNÇÃO, Rudy A. de. **O sacrifício da palavra: a liturgia da missa segundo Bento XVI**. São Paulo: Ecclesiae, 2016.

AUGÉ, Matias. Eucologia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia**. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

BÍBLIA de Jerusalém. 1 ed. São Paulo, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2001.

CLÁSSICOS da Iniciação Cristã. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III**. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2023.

_____. **Missal Romano**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1992.

_____. **Palavra do Senhor II: Lecionário semanal**. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documento do Concílio Ecumênico II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DOCUMENTOS DE PIO XII, 1939-1958, Vaticano. Carta Encíclica *Mediator Dei*. **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1998.

HAHN, Scott. **O Banquete do Cordeiro**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2014.

IMSCHOOT, Paul Van. Sacrifício. In: BORN, Adrianus Van Den (Dir.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1971.

LELO, Antônio Francisco. **Eucaristia: teologia e celebração**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAUSS, Marcel. HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NEUNHEUSER, Burkhard. Sacrifício. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia**. Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

PIAZZA, Waldomiro O. **Introdução à fenomenologia religiosa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

RATZINGER, Joseph. **A caminho de Jesus Cristo**. Trad. Isaías Hipólito. Coimbra: Tenacitas, 2006.

_____. **Introdução ao espírito da liturgia**. Trad. Silva Debetto Reis. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã**. Trad. Cornelius Pfeifer. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RIES, Julien. **Mito e rito: as constantes do sagrado**. Trad. Silvana Cobucci Leite. Petrópolis: Vozes, 2020.

TABORDA, Francisco. **Eukharistia: Verdade e caminho da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma.** 3 Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **O memorial da Páscoa do Senhor.** 2 Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da teologia.** Trad. Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.

VISENTIN, Pelágio. Eucaristia. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M (Org). **Dicionário de liturgia.** Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.